

# Joan Didion O Álbum Branco

Tradução  
Camila Von Holdefer



Rio de Janeiro, 2021

Copyright © 1979 Joan Didion  
All rights reserved.  
Título original: *The White Album*  
Copyright de tradução © 2021 por HarperCollins *Brasil*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Victor Almeida*

Revisão: *Suelen Lopes*

Projeto original de capa: *Robert Anthony, Inc.*

Capa: *Túlio Cerquize*

Diagramação: *Abreu's System*

Conversão para eBook: *SCALT Soluções Editoriais*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Didion, Joan

O álbum branco / Joan Didion ; tradução Camila Von Holdefer. -- Duque de Caxias, RJ : HarperCollins Brasil, 2021.

Título original: *The white album*

ISBN 9786555111217

1. Ensaaios norte-americanos I. Título.

21-577360

CDD-814

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaaios : Literatura norte-americana 814

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

*Para EARL McGRATH,  
e para LOIS WALLACE.*

# Sumário

## I / O ÁLBUM BRANCO

*O álbum branco*

## II / REPÚBLICA DA CALIFÓRNIA

*James Pike, norte-americano*

*Água benta*

*Muitas mansões*

*O Getty*

*Burocratas*

*Bons cidadãos*

*Notas para uma Dreampolitik*

## III / MULHERES

*O movimento feminista*

*Doris Lessing*

*Georgia O'Keeffe*

IV / TEMPORADAS

*Nas ilhas*

*Em Hollywood*

*Na cama*

*Na estrada*

*No shopping*

*Em Bogotá*

*Na represa*

v / acordando depois dos anos 1960

*Acordando depois dos anos 1960*

*Dias tranquilos em Malibu*

**I**



# **O ÁLBUM BRANCO**

# O álbum branco

## 1.

**CONTAMOS HISTÓRIAS** para poder viver. A princesa está enjaulada no consulado. O homem com o doce vai levar as crianças para o mar. A mulher nua no beiral da janela do décimo sexto andar é uma vítima de apatia ou uma exibicionista? Dizemos a nós mesmos que faz diferença se ela está prestes a cometer um pecado mortal, se está prestes a iniciar um protesto político ou se está prestes a ser, a visão aristofânica, arrebatada de volta para a condição humana pelo bombeiro em roupa de padre, escondido na janela mais atrás, sorrindo para as lentes a distância. Buscamos o sermão no suicídio, a lição social ou moral no assassinato de cinco. Interpretamos o que vemos, selecionamos o que funciona melhor entre múltiplas escolhas. Vivemos, sobretudo se somos escritores, pela imposição de uma linha narrativa para imagens discrepantes, pelas “ideias” com as quais aprendemos a congelar a fantasmagoria que constitui nossa experiência real.

Ou, ao menos, fazemos isso por um tempo. Falo aqui de uma época em que comecei a duvidar das premissas de todas as histórias que já havia contado a mim mesma, uma condição comum, mas que achei perturbadora. Creio que esse período começou por volta de 1966 e durou até 1971. Ao longo daqueles cinco anos, eu me mostrei, à primeira vista, uma integrante relativamente capaz de uma ou outra comunidade, uma



signatária de contratos e cartões de viagem, uma cidadã: escrevi algumas vezes por mês para uma ou outra revista, publiquei dois livros, trabalhei em vários filmes; me envolvi com a paranoia da época, com a criação de uma filha pequena, com o entretenimento de um grande número de pessoas que passaram por minha casa; fiz cortinas de algodão para os quartos de hóspedes, me lembrei de perguntar para os agentes se qualquer redução de pontos ia estar *pari passu* com o estúdio de financiamento, coloquei lentilhas de molho no sábado à noite para a sopa de domingo, fiz pagamentos de impostos trimestrais e renovei minha carteira de motorista a tempo, errando na prova escrita só a questão sobre a responsabilidade financeira dos motoristas da Califórnia. Foi uma época de minha vida em que eu era “nomeada” com frequência. Era nomeada madrinha de crianças. Era nomeada oradora, palestrante, debatedora e conferencista. Até fui nomeada, em 1968, “Mulher do Ano” do *Los Angeles Times*, junto com a sra. Ronald Reagan, a nadadora olímpica Debbie Meyer e dez outras mulheres da Califórnia que pareciam se manter atualizadas e praticar boas ações. Eu não praticava boas ações, mas tentava me manter atualizada. Era responsável. Reconhecia meu nome quando o via. De vez em quando, até respondia cartas endereçadas a mim. Não assim que as recebia, mas em algum momento. Respondia até as que vinham de estranhos. “Durante minha ausência do país nos últimos dezoito meses”: era assim que todas as minhas cartas começavam.

Era uma performance bastante satisfatória para uma improvisação. O único problema era que toda a minha educação, tudo que já tinham me dito ou que eu tinha dito a mim mesma, insistia que a produção não devia ser improvisada: eu devia ter um roteiro e o perdera. Devia ficar atenta às pistas, mas não fazia mais isso. Devia entender o enredo, mas tudo que entendia era o que via: imagens intermitentes em sequência variável, imagens sem “significado” além do arranjo temporário. Não um filme, mas uma experiência na sala de edição. No que provavelmente ia ser a metade de minha vida, eu ainda queria acreditar na narrativa e na inteligibilidade da narrativa, mas saber que dava para mudar o sentido a

cada edição me fazia ver a experiência de forma mais elétrica do que ética.

Durante esse período, passei o que, para mim, eram porções habituais de tempo em Los Angeles, Nova York e Sacramento. Passei o que, para muita gente, pareceu tempo excessivo em Honolulu, cujo aspecto singular me dava a ilusão de que podia, a qualquer minuto, pedir ao serviço de quarto uma teoria revisionista de minha história, enfeitada com uma orquídea vanda. Assisti ao funeral de Robert Kennedy em uma varanda do hotel Royal Hawaiian, em Honolulu, e às primeiras notícias de MỸ Lai. Reli tudo de George Orwell na praia do Royal Hawaiian. Também li, nos jornais que chegavam com um dia de atraso, a história de Betty Lansdown Fouquet, uma mulher de 26 anos com cabelo louro desbotado que abandonou a filha de 5 anos para morrer na divisória central da Rodovia 5, alguns quilômetros ao sul da última saída para Bakersfield. A criança, cujos dedos tiveram que ser desgrudados da cerca de arame quando foi resgatada pela polícia rodoviária da Califórnia doze horas depois, contou que correu atrás do carro da família por “um tempão”. Algumas dessas imagens não se encaixavam em nenhuma narrativa que eu conhecesse.

Outro corte rápido:

*Em junho deste ano, a paciente experimentou um episódio de vertigem e náusea, com a sensação de que ia desmaiar. Uma avaliação médica completa não gerou resultado conclusivo e foi receitado Elavil de vinte miligramas, três vezes ao dia. [...] O teste de Rorschach parece descrever uma personalidade no processo de deterioração, com sinais abundantes de defesas ruindo e inabilidade crescente do ego de mediar o mundo da realidade e de lidar com o estresse normal. [...] Emocionalmente, a paciente se alienou quase por completo do mundo. A vida imaginária dela parece ter sido quase totalmente antecipada por preocupações libidinais primitivas e regressivas, muitas das quais são deturpadas e bizarras. [...] Em um sentido técnico, controles afetivos básicos parecem estar intactos, mas é igualmente claro que são mantidos por ora de forma precária e tênue por uma série*

*de mecanismos de defesa que incluem intelectualização, dispositivos obsessivo-compulsivos, projeção, formação reativa e somatização, todos os quais agora parecem inadequados para a tarefa de controlar ou conter um processo psicótico subjacente e se encontram, portanto, em processo de falência. O conteúdo das respostas da paciente é muito incomum e com frequência bizarro, repleto de preocupações sexuais e anatômicas. Às vezes, o contato básico com a realidade é bastante comprometido. Em qualidade e nível de sofisticação, as respostas da paciente são características de indivíduos de inteligência acima da média ou superior. Agora, porém, ela está funcionando em modo prejudicado intelectualmente, em nível apenas médio. As elaborações temáticas da paciente no Teste de Apercepção Temática enfatizam a visão pessimista, fatalista e depressiva do mundo à sua volta. É como se ela sentisse, de forma intensa, que todo esforço humano está fadado a fracassar, uma convicção que parece empurrá-la mais fundo em um afastamento dependente e passivo. Na visão da paciente, ela vive em um mundo de pessoas movidas por impulsos estranhos, conflitantes, mal compreendidos e, acima de tudo, tortuosos, que as levam ao conflito e o fracasso...*

A paciente a quem esse relatório psiquiátrico se refere sou eu. Os testes mencionados — o Rorschach, o Teste de Apercepção Temática, o teste da conclusão de frases e o Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota — foram aplicados a portas fechadas no ambulatório de psiquiatria do St. John Hospital, em Santa Monica, no verão de 1968, pouco depois de eu ter sofrido “um episódio de vertigem e náusea, com a sensação de que ia desmaiar”, como mencionados na primeira frase e pouco antes de ter sido nomeada “Mulher do Ano” pelo *Los Angeles Times*. A título de comentário, considero, hoje em dia, que um episódio de vertigem e náusea não me parece uma resposta inadequada ao verão de 1968.

## 2.

Nesse período, eu estava morando em uma casa enorme na parte de Hollywood que um dia fora cara, mas que agora era descrita por um de meus conhecidos como a “vizinhança da matança sem sentido”. A casa na Franklin Avenue era alugada. A tinta descascava dentro e fora da residência, canos quebravam, caixilhos de janelas desmoronavam e a quadra de tênis não era aplainada desde 1933, mas havia muitos quartos, o pé-direito era alto e, ao longo dos cinco anos que morei ali, até mesmo a inércia um tanto sinistra da vizinhança sugeria que eu viveria naquela casa para sempre.

Mas eu não podia. Os donos estavam só esperando por uma mudança de zoneamento para pôr a casa abaixo e construir um prédio de apartamentos de luxo. Aliás, era essa destruição iminente, mas não imediata, que dava um caráter especial à vizinhança. A casa do outro lado da rua havia sido construída por uma das irmãs Talmadge, fora o consulado japonês em 1941 e agora, apesar de fechada por tábuas, era ocupada por alguns adultos sem relação de parentesco que pareciam formar algum tipo de grupo terapêutico. A casa ao lado pertencia à Synanon. Lembro-me de uma casa na esquina com uma placa de “Alugase”: o imóvel havia sido o consulado canadense, contava com 28 quartos grandes e dois closets refrigerados cheios de casacos de pele. Fazendo jus à vizinhança, só podia ser alugada em caráter mensal, desmobiada. Uma vez que a disposição de alugar uma casa desmobiada de 28 quartos por um mês ou dois é nitidamente extraordinária, a vizinhança era povoada sobretudo por bandas de rock, grupos terapêuticos e mulheres bem velhinhas, cujas cadeiras de rodas eram empurradas rua abaixo por enfermeiras em uniformes sujos. Além, é claro, de meu marido, minha filha e eu.

*Pergunta: E o que mais aconteceu, se aconteceu...*

*Resposta: Ele disse que achava que eu podia ser uma estrela, tipo, sabe, um jovem*

*Burt Lancaster, esse tipo de coisa.*

*P. Ele mencionou algum nome em especial?*

*R. Sim, senhor.*

*P. Qual nome?*

*R. Ele mencionou uma série de nomes. Ele falou de Burt Lancaster. Falou de Clint Eastwood. Falou de Fess Parker. Mencionou um monte de nomes...*

*P. Vocês conversaram depois de comer?*

*R. Enquanto a gente comia, depois de comer. O sr. Novarro viu nossa sorte nas cartas e leu nossa mão.*

*P. Ele disse que você ia ter uma sorte tremenda, ou má sorte, ou o que aconteceu?*

*R. Ele não era bom em ler mãos.*

Esses são trechos do testemunho de Paul Robert Ferguson e Thomas Scott Ferguson, irmãos com 22 e 17 anos respectivamente, durante o julgamento pelo assassinato de Ramon Novarro, de 69 anos, na casa dele em Laurel Canyon, não muito longe da minha em Hollywood, na noite de 30 de outubro de 1968. Acompanhei esse julgamento de perto, recortando matérias de jornais e depois pegando uma transcrição emprestada com um dos advogados de defesa. O mais novo dos irmãos, “Tommy Scott” Ferguson, cuja namorada testemunhou que deixou de estar apaixonada por ele “mais ou menos duas semanas após o julgamento”, não conhecia a carreira do sr. Novarro como ator de filmes mudos até ter visto, a certa altura da noite do assassinato, uma fotografia do anfitrião como Ben-Hur. O irmão mais velho, Paul Ferguson, que começou a trabalhar em parques de diversões quando tinha 12 anos e descrevia a si mesmo aos 22 como tendo tido “uma vida agitada e boa”, deu ao júri, a pedidos, sua definição de malandro: “Um malandro é

alguém que sabe conversar — não só com homens, com mulheres também. Que sabe cozinhar. Sabe fazer companhia. Lavar um carro. Várias coisas formam um malandro. Tem um monte de gente solitária nessa cidade, cara.” Ao longo do julgamento, cada um dos irmãos acusou o outro do assassinato. No fim, os dois foram condenados. Li a transcrição várias vezes, tentando ver o cenário por um ângulo que não sugerisse que eu vivia, como o relatório psiquiátrico apontou, “em um mundo de pessoas movidas por impulsos estranhos, conflitantes, mal compreendidos e, acima de tudo, tortuosos”. Nunca conheci os irmãos Ferguson.

Conheci uma das figuras centrais de outro julgamento de assassinato do condado de Los Angeles durante aqueles anos: Linda Kasabian, principal testemunha de acusação no que ficou conhecido popularmente como “Julgamento Manson”. Certa vez, perguntei a Linda o que ela achava da sequência de eventos aparentemente fortuita que a levou ao Spahn Movie Ranch e então à penitenciária de Sybil Brand sob a acusação, depois retirada, de assassinar Sharon Tate Polanski, Abigail Folger, Jay Sebring, Voytek Frykowski, Steven Parent e Rosemary e Leno LaBianca. “Tudo acontece para me ensinar algo”, respondeu Linda. Ela não acreditava que o acaso fosse desprovido de padrão. Linda agia de acordo com o que identifiquei posteriormente como teoria dos dados. Aliás, durante aqueles anos, eu agia da mesma maneira.

Talvez o clima daqueles anos fique mais evidente se eu disser que, ao longo deles, eu não conseguia visitar minha sogra sem desviar os olhos de um poema emoldurado, uma “prece para o lar”, que ficava pendurado em um corredor da casa dela em West Hartford, Connecticut:

*Deus sustente os cantos deste lar*

*E bem-aventurado seja o batente*

*E sustente a lareira e sustente as tábuas*

*E sustente cada ambiente*

*E sustente a janela de cristal que deixa*

*a luz das estrelas entrar*

*E sustente cada porta que abre bem, para o estranho*

*e o familiar.*

Esse poema me dava calafrios. Aquilo parecia o tipo de detalhe “irônico” de que os repórteres se apoderariam na manhã em que os corpos fossem encontrados. Em minha vizinhança na Califórnia, a gente não tinha uma “prece para o lar”, não abençoávamos as portas que se abriam para o estranho. Paul e Tommy Scott Ferguson eram os estranhos na porta de Ramon Novarro, em Laurel Canyon. Charles Manson era o estranho na porta de Rosemary e Leno LaBianca, em Los Feliz. Alguns estranhos batiam à porta e inventavam uma razão para entrar: uma ligação, por exemplo, para a companhia de seguros a respeito de um carro que não estava à vista. Outros só abriam a porta e entravam, e eu ia me deparar com eles no saguão. Lembro-me de perguntar a um desses estranhos o que ele queria. Olhamos um para o outro pelo que pareceu um tempo enorme, e então ele viu meu marido no primeiro degrau da escada. “Entrega de frango frito”, respondeu por fim, mas não tínhamos pedido frango. Ele também não segurava nada. Peguei o número da placa do furgão dele. Ao longo daqueles anos, eu estava sempre anotando números de placas de furgões, veículos dando a volta no quarteirão, estacionados do outro lado da rua, ou em ponto morto no cruzamento. Colocava esses números na gaveta de um toucador onde poderiam ser encontrados pela polícia quando o momento chegasse.

Nunca duvidei de que o momento ia chegar, pelo menos não nos lugares inacessíveis da mente, onde cada vez mais eu parecia viver. Tantos encontros naqueles anos eram desprovidos de qualquer lógica, exceto a fantasiosa. No casarão da Franklin Avenue muita gente parecia entrar e sair sem qualquer relação com aquilo que eu fazia. Sabia onde os lençóis e as toalhas eram guardados, mas nem sempre sabia quem estava dormindo em cada cama. Tinha as chaves, mas não a chave. Lembro-me de tomar um Compazine de 25 miligramas em um domingo de Páscoa e preparar um almoço enorme e sofisticado para algumas pessoas, muitas das quais ainda estavam lá na segunda-feira. Lembro-me de andar de pés descalços o dia inteiro no piso de madeira gasto daquela casa e lembro-me de “Do You Wanna Dance” na vitrola, “Do You Wanna Dance”, “Visions of Johanna” e uma música chamada “Midnight Confessions”. Lembro-me de uma babá dizendo que viu a morte em minha aura. Lembro-me de conversar com ela a respeito daquilo, de lhe pagar, abrir todos os janelões e ir dormir na sala.

Era difícil me surpreender naqueles anos. Era difícil até mesmo conseguir minha atenção. Estava absorvida por minha intelectualização, meus dispositivos obsessivo-compulsivos, minha projeção, minha formação reativa, minha somatização e pela transcrição do julgamento dos Ferguson. Um músico que eu conhecera alguns anos antes me ligou de um hotel em Tuscaloosa para contar como poderia me salvar com a cientologia. Tinha encontrado com ele uma vez na vida, conversado por talvez meia hora sobre arroz integral e tabelas, e agora ele estava me falando do Alabama de E-metro e de como eu podia ficar “limpa”. Recebi uma ligação de um estranho em Montreal que parecia querer me recrutar para uma operação de narcóticos. “É tranquilo falar nesse telefone?”, perguntou várias vezes. “O Grande Irmão não está ouvindo?”

Disse que duvidava, embora cada vez duvidasse menos.

“Porque o que a gente está falando, no fundo, é de aplicar a filosofia zen a dinheiro e negócios, sabe? E se eu digo que a gente vai financiar o



submundo, e se menciono dinheiro grande, você sabe do que estou falando, né? Você sabe o que está pegando, né?”

Talvez ele não estivesse falando de narcóticos. Talvez estivesse falando de gerar lucro com rifles M-1. Eu havia parado de procurar a lógica naquelas ligações. Em 1968, uma pessoa com quem eu tinha estudado em Sacramento, e visto pela última vez em 1952, apareceu em minha casa em Hollywood como detetive particular de West Covina, uma das poucas mulheres habilitadas do estado da Califórnia. “Chamam a gente de Dick Tracy sem pau”, disse ela, em tom preguiçoso, mas espalhando o jornal do dia na mesa do saguão. “Tenho um monte de amigos bem próximos entre as autoridades policiais. Talvez você queira conhecer alguns deles.” Trocamos promessas de manter contato, mas nunca mais nos vimos. Um encontro nada atípico daquele período. Os anos 1960 tinham terminado antes de me ocorrer que essa visita pode não ter sido exclusivamente social.

### 3.

Eram dezoito ou dezenove horas em uma noite de início de primavera em 1968. Eu estava sentada no piso de vinil frio de um estúdio de som no Sunset Boulevard, assistindo a uma banda chamada The Doors gravar uma faixa instrumental. De modo geral, minha atenção se voltava o mínimo possível para bandas de rock (já tinha ouvido falar de ácido como uma fase de transição e também de Maharishi e de Amor Universal. Depois de um tempo, tudo isso soava como céu de marmelada para mim), mas The Doors era diferente. O grupo me interessava. Não parecia convencido de que o amor era irmandade e Kama Sutra. A música deles insistia que amor era sexo e sexo era morte, e aí salvação

secular. The Doors era o Norman Mailer da parada de sucessos, missionário do sexo apocalíptico. *Break on through*, a letra deles exortava, e *light my fire*, assim como:

*Come on baby, gonna take a little ride*

*Goin' down by the ocean side*

*Gonna get real close*

*Get real tight*

*Baby gonna drown tonight*

*Goin' down, down, down.*

Naquela noite, em 1968, o grupo estava reunido em uma simbiose inquieta para produzir seu terceiro álbum. Estava frio demais no estúdio, as luzes eram muito fortes e havia um monte de fios e botões do circuito eletrônico piscante e sinistro com o qual os músicos vivem tão facilmente. Eram três dos quatro Doors. Havia um baixista emprestado de uma banda chamada Clear Light. Havia o produtor, o engenheiro de som, o empresário, umas garotas e um husky-siberiano chamado Nikki, com um olho cinzento e outro dourado. Havia sacos de papel cheios até a metade com ovos cozidos, fígado de galinha, hambúrgueres e garrafas vazias de suco de maçã e *rosé* californiano. Havia tudo e todos de que a banda precisava para lapidar o restante daquele terceiro álbum, exceto por um detalhe: o quarto Door, o vocalista Jim Morrison, um ex-estudante da UCLA de 24 anos que usava calça preta de vinil sem cueca e tendia a sugerir uma gama de possibilidades para além de um pacto suicida. Foi Morrison quem descreveu a banda como “política e erótica”. Foi Morrison quem definiu os interesses do grupo como “qualquer coisa

sobre revolta, desordem, caos, sobre a atividade que aparenta não ter sentido”. Foi Morrison quem foi detido em Miami em dezembro de 1967 por uma apresentação “indecente”. Foi Morrison quem escreveu a maior parte das letras do The Doors, cujo caráter peculiar estava em retratar uma paranoia ambígua ou uma insistência bastante inequívoca no amor-morte como ápice. E era Morrison que estava faltando. Eram Ray Manzarek, Robby Krieger e John Densmore que faziam o som do The Doors ser o que era, e talvez fossem Manzarek, Krieger e Densmore que faziam dezessete de vinte entrevistados da *American Bandstand* preferir o The Doors a todas as outras bandas, mas foi Morrison que chegou até ali com sua calça preta de vinil sem cueca e lançou a ideia, e era por Morrison que estavam esperando agora.

“Ei, olhem só”, disse o engenheiro. “Estava escutando rádio no caminho até aqui. Tocaram três músicas do The Doors. Primeiro ‘Black Door Man’, depois ‘Love Me Two Times’ e aí ‘Light My Fire’.”

“Eu ouvi”, murmurou Densmore. “Eu ouvi.”

“E aí, qual é o problema de alguém tocar três das nossas músicas?”

“O cara dedicou à família dele.”

“É? À família?”

“À família. Bem idiota.”

Ray Manzarek estava curvado sobre um teclado Gibson.

“Será que o *Morrison* vai voltar?”, perguntou para ninguém em particular.

Ninguém respondeu.

“Então a gente pode fazer alguns *vocais*?”, perguntou Manzarek.

O produtor estava trabalhando com a fita da faixa instrumental que tinham acabado de gravar.

“Espero que sim”, respondeu ele sem olhar para cima.

“É”, disse Manzarek. “Eu também.”

Minha perna estava dormente, mas não me levantei. O clima tenso deixava todos no estúdio meio catatônicos. O produtor tocou a faixa instrumental de novo. O engenheiro disse que queria fazer os exercícios de respiração dele. Manzarek comeu um ovo cozido.

“Tennyson fez um mantra com o próprio nome”, disse ele para o engenheiro. “Não sei se dizia ‘Tennyson, Tennyson, Tennyson’ ou ‘Alfred, Alfred, Alfred’ ou ‘Alfred Lord Tennyson’. De qualquer forma, ele fez isso. Talvez só dissesse ‘Lord, Lord, Lord’.”

“Legal”, disse o baixista da Clear Light. Ele era empolgado e amável, nada tinha do espírito Door.

“Eu me pergunto o que Blake disse”, ponderou Manzarek. “Que pena o Morrison não estar aqui. O Morrison ia saber.”

Um bom tempo depois, Morrison chegou. Estava com a calça preta de vinil, sentou-se em um sofá de couro na frente dos quatro grandes alto-falantes e fechou os olhos. O aspecto curioso da chegada de Morrison era o seguinte: ninguém reparou. Robby Krieger continuou a praticar uma passagem de guitarra. John Densmore estava na bateria. Manzarek se sentou no painel de controle, torceu um saca-rolhas e deixou uma garota massagear os ombros dele. A garota não olhou para Morrison, embora ele estivesse no campo de visão dela. Uma hora ou mais se passou, e ninguém tinha falado com Morrison ainda. Então Morrison falou com Manzarek. Falou quase em um sussurro, como se estivesse lutando com

as palavras por detrás de alguma afasia incapacitante.

“É uma hora até West Covina”, falou. “Fiquei pensando que talvez a gente devesse passar a noite por aqui depois de tocar.”

Manzarek largou o saca-rolhas.

“Por quê?”

“Em vez de voltar.”

Manzarek deu de ombros.

“A gente está planejando voltar.”

“Bom, eu fiquei pensando, a gente podia ensaiar por aqui.”

Manzarek não respondeu.

“A gente podia começar a ensaiar, tem um hotel aqui do lado.”

“A gente podia fazer isso”, disse Manzarek. “Ou a gente podia ensaiar domingo na cidade.”

“Acho que sim.” Morrison fez uma pausa. “O lugar vai ficar pronto para ensaiar no domingo?”

Manzarek olhou para ele por um tempo.

“Não”, respondeu por fim.

Contei os botões de controle no painel eletrônico. Eram 76. Não tinha certeza quem venceu a discussão, ou se havia sido resolvida de algum jeito. Robby Krieger pegou a guitarra e falou que precisava de um pedal de efeito. O produtor sugeriu que pegasse um emprestado do Buffalo Springfield, que estava gravando no estúdio ao lado. Krieger deu de ombros. Morrison se sentou de novo no sofá de couro e se inclinou para

trás. Acendeu um fósforo. Estudou a chama por um tempinho e então, bem devagar, de forma bastante deliberada, abaixou o fósforo até a braguilha da calça preta de vinil. Manzarek ficou olhando. A garota que estava massageando os ombros de Manzarek não olhou para nenhum de nós. Havia uma sensação de que ninguém ia deixar o estúdio. Nunca mais. Ia demorar algumas semanas até o The Doors terminar de gravar o álbum. Não fiquei até o fim.

## 4.

Uma vez alguém levou Janis Joplin a uma festa na casa da Franklin Avenue: ela tinha acabado de fazer uma apresentação e queria beber conhaque e licor Benedictine em um copo alto. Esse pessoal da música nunca quer bebidas comuns. Querem saquê, drinques com champanhe ou tequila pura. Passar um tempo com o pessoal da música era confuso, exigia uma abordagem mais fluida e, em última análise, mais passiva de que eu era capaz. Em primeiro lugar, o tempo nunca era essencial: a gente ia jantar às 21 horas, mas podia ser que jantássemos às 23h30, ou podia pedir comida depois. A gente acabaria na Universidade do Sul da Califórnia para ver o The Living Theatre se a limusine chegasse antes de alguém fugir para arranjar uma bebida, um cigarro ou um esquema para encontrar a Ultra Violet em Montecito. Em todo caso, David Hockney estava para chegar. Em todo caso, a Ultra Violet não estava em Montecito. Em todo caso, a gente poderia ir até a Universidade do Sul da Califórnia ver o The Living Theatre hoje à noite ou em outra noite, em Nova York ou em Praga. Primeiro a gente queria sushi para vinte, amêijoas cozidas, vinha-d'alhos de vegetais, muitos drinques com rum e gardênia para o cabelo. Primeiro a gente queria uma mesa para doze, catorze no máximo, embora possa ter seis a mais, ou oito a mais, ou onze a mais: nunca ia ter um ou dois a mais, porque o pessoal da música não

viaja em grupos de “um” ou “dois”. John e Michelle Phillips, a caminho do hospital para o nascimento da filha deles, Chynna, fez a limusine desviar para Hollywood para pegar uma amiga, Anne Marshall. Esse incidente, que embelezo com frequência para incluir um segundo e imaginário desvio, para um luau das gardênias, descreve de forma exata o ramo da música para mim.

## 5.

Por volta das cinco da manhã de 28 de outubro de 1967, no distrito inóspito entre a baía de São Francisco e o estuário que a polícia de Oakland chama de Beat 101A, um militante negro de 25 anos chamado Huey P. Newton foi parado e interrogado por um policial branco chamado John Frey Jr. Uma hora depois, Huey Newton estava sob custódia no hospital Kaiser em Oakland, onde deu entrada para tratamento emergencial de um ferimento a bala na barriga. Algumas semanas depois, ele foi indiciado pelo tribunal do condado de Alameda, acusado de assassinar John Frey, ferir outro policial e sequestrar um transeunte.

Na primavera de 1968, quando Huey Newton estava aguardando julgamento, fui vê-lo na prisão do condado de Alameda. Suponho que fui porque estava interessada na alquimia dos problemas, e um dos problemas era o que Huey Newton se tornara àquela altura. Para entender como isso aconteceu, você deve primeiro ter Huey Newton em mente, quem ele era. Huey Newton veio de uma família de Oakland, e, por um tempo, frequentou a faculdade em Merritt. Em outubro de 1966, acompanhado de um amigo chamado Bobby Seale, organizaram o que chamaram de Partido dos Panteras Negras. Pegaram o nome emprestado do emblema usado pelo Partido da Liberdade do condado de Lowndes, no Alabama, e desde o início se autodefiniram como um grupo político

revolucionário. A polícia de Oakland conhecia os Panteras e tinha uma lista dos cerca de vinte carros dos membros. Não estou alegando aqui que Huey Newton não matou John Frey. No contexto das políticas revolucionárias, a culpa ou inocência de Huey Newton é irrelevante. Só estou dizendo como ele foi parar na prisão do condado de Alameda, e por que manifestações eram feitas em seu nome, protestos organizados sempre que ele aparecia nas audiências. Vamos lá, Huey, diziam os bótons (cinquenta centavos cada), e aqui e ali nos degraus do tribunal, entre os Panteras com seus óculos de sol e boinas, os cantos iam se elevar:

*Pega o M*

*31.*

*Que a gente vai*

*Brincar com algum*

*BUM BUM. BUM BUM.*

“Lute, irmão”, uma mulher acrescentaria como em um amém bem-humorado. “Banguê-banguê.”

*Palhaçada, palhaçada.*

*Não suporto o jogo*

*Que o branco está jogando.*

*Única saída, única saída.*



*BUM BUM. BUM BUM.*

No corredor do térreo do tribunal do condado de Alameda, havia uma aglomeração de advogados, correspondentes da CBC, operadores de câmera e pessoas que queriam “visitar Huey”.

“O Eldridge não vai se importar se eu subir”, disse um dos últimos para um dos advogados.

“Se o Eldridge não se importa, por mim tudo bem”, respondeu o advogado. “Se você tiver credenciais de imprensa.”

“Minhas credenciais são meio duvidosas.”

“Então não posso deixar você ir lá em cima. O *Eldridge* tem credenciais duvidosas. Uma é ruim o suficiente. Tenho boas relações de trabalho aqui, não quero ferrar com isso.” O advogado se virou para um operador de câmera. “Já estão gravando?”

Naquele dia em particular, fui autorizada a subir. Um homem do *Los Angeles Times* e um locutor de rádio subiram comigo. Assinamos o registro policial, sentamo-nos a uma mesa de madeira de pinho cheia de marcas e esperamos por Huey Newton.

“A única coisa que vai dar a liberdade para Huey Newton”, dissera Rap Brown há pouco tempo em uma manifestação dos Panteras no auditório de Oakland, “é o poder das armas”.

“Huey Newton entregou a vida por nós”, Stokely Carmichael dissera naquela mesma noite.

Porém, é claro que Huey Newton ainda não havia entregado a vida de maneira alguma. Estava na prisão do condado de Alameda esperando para ser julgado, e me perguntei se o rumo que essas manifestações

estavam tomando tinha alguma vez deixado Huey preocupado, com a suspeita de que, em muitos sentidos, ele era mais útil para a revolução atrás das grades do que na rua. Quando enfim chegou, Huey parecia um jovem extremamente simpático, envolvente e franco. Não tive a impressão de que pretendia virar um mártir político. Ele sorriu para nós, esperou o advogado (Charles Garry) preparar um gravador e conversou baixinho com Eldridge Cleaver, que na época era ministro da Informação dos Panteras Negras. (Huey Newton era o ministro da Defesa.) Eldridge Cleaver usava um suéter preto e um único brinco de ouro. Falava de forma arrastada, quase inaudível, e estava autorizado a ver Huey Newton porque tinha aquelas “credenciais duvidosas”: um crachá de imprensa da *Ramparts*. O interesse dele era conseguir “declarações” de Huey Newton, “mensagens” para levar para o mundo lá fora; era receber um tipo de profecia para ser interpretada de acordo com a necessidade.

“A gente precisa de uma declaração, Huey, a respeito do programa dos dez pontos”, disse Eldridge Cleaver. “Então vou fazer uma pergunta, entende, e você responde...”

“Como o Bobby está?”, quis saber Huey Newton.

“Ele tem uma audiência de delitos menores, entende...”

“Achei que ele tinha sido acusado de crime grave.”

“Bom, essa é outra coisa, a acusação de crime grave, ele também conseguiu algumas por delitos menores...”

Assim que Charles Garry tinha preparado o gravador, Huey Newton parou de conversar e começou a palestrar, quase sem parar. Ele falou, embolando as palavras, porque as tinha pronunciado tantas vezes antes, do “sistema capitalista-materialista dos Estados Unidos”, da “assim chamada livre iniciativa” e “da luta por liberdade das pessoas negras em todo o mundo”. Vez ou outra, Eldridge Cleaver fazia um sinal para Huey Newton e dizia algo como: “Há um bocado de gente interessada no

Mandato Executivo Número Três que você emitiu para o Partido dos Panteras Negras, Huey. Gostaria de comentar alguma coisa?”

Lógico que Huey Newton ia comentar.

“Sim. O Mandato Número Três é essa reivindicação do Partido dos Panteras Negras falando pela comunidade negra. A partir dele, a gente admoesta a força policial racista...”

Eu queria que ele falasse de si mesmo, esperando romper o muro retórico, mas Huey parecia ser um daqueles autodidatas para quem todas as coisas específicas e pessoais se apresentam como campos minados a serem evitados às custas da coerência, para quem a segurança reside na generalização. O homem do jornal e o homem do rádio tentaram:

*Pergunta: Nos diga alguma coisa a seu respeito, Huey, e me refiro à sua vida antes dos Panteras.*

*Resposta: Antes dos Panteras minha vida era bem parecida com a da maioria das pessoas negras deste país.*

*P. Bom, sua família, alguns incidentes que você recorda, as influências que moldaram você...*

*R. Viver nos Estados Unidos me moldou.*

*P. Bom, sim, mas de forma mais específica...*

*R. Isso me lembra de uma citação do James Baldwin: “Ser negro e consciente nos Estados Unidos é viver em um estado de raiva constante.”*

“Ser negro e consciente nos Estados Unidos é viver em um estado de

raiva constante”, Eldridge Cleaver escreveu em letras enormes em um bloco de notas, e aí acrescentou: “*Huey P. Newton citando James Baldwin.*” Podia visualizar isso estampado acima da plataforma dos alto-falantes em uma manifestação, impresso no papel timbrado de um comitê *ad hoc* ainda por nascer. A bem da verdade, quase tudo que Huey Newton dizia tinha cara de ser uma “citação”, um “pronunciamento” para ser utilizado quando a oportunidade surgisse. Eu tinha ouvido Huey P. Newton Sobre o Racismo (“O Partido dos Panteras Negras é contra o racismo”), Huey P. Newton Sobre o Nacionalismo Cultural (“O Partido dos Panteras Negras acredita que a única cultura pela qual vale a pena lutar é a cultura revolucionária”), Huey P. Newton Sobre o Radicalismo Branco, Sobre a Ocupação Policial do Gueto, Sobre o Europeu *Versus* o Africano. “O europeu começou a ficar doente quando negou a natureza sexual”, disse Huey Newton, e nesse ponto Charles Garry o interrompeu, conduzindo a pauta de volta ao essencial. “Mas não é verdade, Huey, que o racismo começou por razões *econômicas*?”

Essa interlocução estranha pareceu assumir vida própria. Estava quente naquele cômodo pequeno, a luz fluorescente me incomodava e eu ainda não sabia em que medida Huey Newton entendia a natureza do papel para o qual fora escalado. Por acaso eu sempre gostei da lógica da posição dos Panteras, baseada na proposição segundo a qual o poder político começava no final do cano de uma arma (as armas exatas já tinham até sido especificadas em um memorando anterior de Huey P. Newton: “*carabina .45 do Exército; espingarda Magnum calibre 12 com cano 18, de preferência da marca High Standard; M-16; pistolas Magnum .357; P-38*”), e também conseguia apreciar a beleza de considerar Huey Newton um “problema”. Nas politicagens da revolução, todo mundo era descartável, mas eu duvidava de que a sofisticação política de Huey Newton pudesse se alargar até ele ver a si mesmo dessa forma. É fácil enxergar o valor de um caso Scottsboro quando não se é um menino Scottsboro. “Há mais alguma coisa que queiram perguntar para Huey?”, indagou Charles Garry. Não parecia haver. O advogado ajustou o

gravador. “Tenho um pedido, Huey, de um estudante do ensino médio, repórter do jornal da escola. Ele queria uma declaração sua, e vai me telefonar hoje à noite. Gostaria de me confiar uma mensagem para ele?”

Huey Newton fitou o microfone. Houve um momento em que pareceu não lembrar o xis da questão, então se iluminou. “Gostaria de destacar”, falou, a voz ganhando volume à medida que os discos de memória eram ativados, *ensino médio, estudante, juventude, mensagem para a juventude*, “que os Estados Unidos estão se tornando uma nação muito jovem...”.

*Ouvi um gemido e um lamento. Fui checar e... esse cara negro estava lá. Tinha sido baleado na barriga e não parecia estar em sofrimento insuportável, então eu disse que ia avaliar o ferimento. Perguntei para ele se era um Kaiser, se era do Kaiser, e ele respondeu: “Sim, sim. Chama um médico. Não vê que eu estou sangrando? Levei um tiro. Agora traz alguém aqui.”*

*Perguntei se tinha o crachá do Kaiser e ele ficou perturbado com isso.*

*“Qual é? Traz um médico aqui. Eu levei um tiro.”*

*“Estou vendo, mas você não parece estar em nenhum sofrimento insuportável.”*

*Então eu disse que a gente precisava conferir para ter certeza de que ele era um membro. [...] E isso meio que o perturbou ainda mais. Ele me chamou de alguns nomes feios e falou: “Traz um médico aqui agora mesmo, levei um tiro e estou sangrando.” Então tirou o casaco e a camisa, e os jogou ali no balcão. “Não está vendo esse sangue todo?”*

*“Estou.” Não era tanto assim, então respondi: “Bom, você tem que assinar a ficha de admissão antes de um médico examinar você.”*

*“Não vou assinar nada.”*

*“Você não pode ser examinado por um médico a menos que assine a ficha de admissão.”*

*“Não tenho que assinar nada”, e esbravejou mais umas poucas e boas.*

Esse é um excerto do testemunho, perante o tribunal do condado de Alameda, de Corrine Leonard, a enfermeira encarregada da emergência do hospital da Fundação Kaiser, em Oakland, às 5h30 da manhã do dia 28 de outubro de 1967. Claro que o “cara negro” era Huey Newton, ferido naquela manhã durante o tiroteio que matou John Frey. Por um bom tempo deixei uma cópia desse testemunho fixada na parede do escritório, seguindo a teoria de que ilustrava um choque de culturas, um exemplo clássico de alguém historicamente excluído confrontando a ordem estabelecida em seu nível mais mesquinho e impenetrável. Essa teoria foi esmigalhada quando soube que Huey Newton era, de fato, um membro registrado do Plano de Saúde da Fundação Kaiser, ou seja, nas palavras da enfermeira Leonard, “um Kaiser”.

## 6.

Certa manhã de 1968, fui ver Eldridge Cleaver no apartamento em São Francisco que ele dividia com a esposa, Kathleen. Para ter acesso ao apartamento, o visitante precisava tocar primeiro e então ficar de pé no meio da Oak Street, em um lugar em que podia ser observado perfeitamente do apartamento de Cleaver. Depois desse escrutínio, o visitante era (ou não) liberado. Fui e subi as escadas. Encontrei Kathleen Cleaver na cozinha fritando salsichas, Eldridge Cleaver na sala de estar escutando um disco de John Coltrane e um monte de pessoas por toda parte, em todos os lugares, paradas nos vãos das portas, movendo-se na

visão periférica umas das outras, fazendo e recebendo ligações telefônicas.

“Quando você consegue fazer isso?”, eu ouvia no fundo. E: “Você não pode me subornar com um jantar, cara, esses jantares do *The Guardian* são todos da Velha Esquerda, parece um velório.”

Quase todas essas outras pessoas eram membros do Partido dos Panteras Negras, mas uma delas, na sala de estar, era o oficial de liberdade condicional de Eldridge Cleaver. Acho que fiquei lá por cerca de uma hora. Acho que nós três — Eldridge Cleaver, o oficial de liberdade condicional e eu — discutimos as perspectivas comerciais do *Soul on Ice*, que por acaso estava sendo lançado naquele dia. Discutimos o adiantamento (5 mil dólares). Discutimos o tamanho da primeira tiragem (10 mil exemplares). Discutimos a verba publicitária e as livrarias onde os livros iam estar ou não disponíveis. Não era uma conversa incomum entre escritores. A diferença era que um dos escritores estava com seu oficial de liberdade condicional e a outra precisou ser revistada no meio da Oak Street antes de entrar.

## 7.

Pôr na Mala e Usar:

2 saias

2 camisas ou colantes

1 suéter de pulôver

2 pares de sapatos

meias-calças

sutiã

camisola, roupão, pantufas

cigarros

uísque

bolsa com:

xampu

escova e creme dental

sabonete Basis

aparelho de barbear, desodorante

aspirina, medicamentos, absorventes

creme facial, pó, óleo de bebê

Para Levar:

manta

máquina de escrever

2 blocos de notas e canetas

fichários

chave de casa

Essa era a lista que estava grudada na parte de dentro da porta de meu



armário em Hollywood durante aqueles anos em que atuava como jornalista de modo mais ou menos regular. A lista me permitia arrumar as malas sem pensar, para qualquer matéria que pudesse vir a fazer. Note o anonimato proposital do traje: com uma saia, um colante *e meia-calça*, eu podia transitar em qualquer esfera da cultura. Note a manta para voos longos (ou seja, sem cobertores), e para o quarto de hotel no qual o ar-condicionado não podia ser desligado. Note o uísque para o mesmo quarto de hotel. Note a máquina de escrever para o aeroporto, na volta para casa: a ideia era entregar o carro alugado, fazer o check-in, achar um banco vazio e começar a datilografar as notas do dia.

Que fique claro que essa era uma lista feita por alguém que atribuía enorme valor ao controle, que ansiava pelo movimento, alguém determinada a interpretar seu papel como se tivesse um roteiro, prestasse atenção aos sinais, conhecesse a narrativa. Nessa lista há uma omissão significativa, um item de que eu precisava e nunca tinha: um relógio. Precisava de um relógio não durante o dia, quando podia ligar o rádio do carro ou perguntar para alguém, mas à noite, no hotel. Com frequência ia perguntar o horário na recepção mais ou menos a cada meia hora, até por fim, com vergonha de perguntar de novo, ligar para Los Angeles e perguntar ao meu marido. Eu tinha saias, camisas, colantes, pulôveres, sapatos, meias-calças, sutiãs, camisolas, roupões, pantufas, cigarros, uísque, xampu, escova e creme dental, sabonete Basis, aparelho de barbear, desodorante, aspirina, medicamentos, absorventes, creme facial, pó, óleo de bebê, manta, máquina de escrever, blocos de notas, canetas, fichários e a chave de casa, mas não sabia que horas eram. Isso podia ser uma parábola de minha vida como repórter durante esse período ou do próprio período.

## 8.

Em novembro de 1968, dirigindo um carro alugado entre Sacramento e São Francisco em uma manhã chuvosa, mantive o rádio ligado bem alto. Não fiz isso para descobrir que horas eram, mas em um esforço de apagar seis palavras da mente, seis palavras que não tinham significado para mim, mas que, naquele ano, pareciam sinalizar o início da ansiedade ou do pavor. As palavras, uma frase de “Numa estação do metrô” de Ezra Pound, eram: *pétalas num galho preto e molhado*. O rádio tocava “Wichita Lineman” e “I Heard It on the Grapevine”. *Pétalas num galho preto e molhado*. Em algum lugar entre o viaduto Yolo Causeway e Vallejo me ocorreu que, no decorrer de qualquer semana, eu conhecia muita gente que via com bons olhos o bombardeio de usinas. Em algum lugar entre o viaduto Yolo Causeway e Vallejo também me ocorreu que o pavor naquela manhã ia se apresentar sob a forma de uma inabilidade de dirigir o carro alugado pela ponte de Carquinas. *The Wichita Lineman was still on the job*. Fechei os olhos e dirigi pela ponte de Carquinas, porque tinha compromissos, porque estava trabalhando, porque havia prometido assistir à revolução sendo feita na Faculdade Estadual de São Francisco, porque não havia lugar em Vallejo para entregar um carro alugado e porque nada em minha mente seguia o roteiro do jeito como me lembrava dele.

## 9.

Na Faculdade Estadual de São Francisco, naquela manhã, o vento soprava a chuva fria em rajadas sobre os gramados lamacentos e contra as janelas iluminadas das salas vazias. Dias antes tinha havido incêndios, aulas invadidas e um confronto com a Unidade Tática da polícia da cidade. Nas semanas seguintes, o campus ia se tornar o que muitas pessoas ficariam contentes de chamar de “campo de batalha”. A polícia, o gás lacrimogêneo e as prisões ao meio-dia se tornariam rotina na

faculdade, e toda noite os combatentes recapitulariam o dia deles na televisão: as ondas de estudantes avançando, a comoção no canto do enquadramento, os cassetetes reluzindo, o instante de câmera trêmula que servia para sugerir a qual preço a filmagem tinha sido obtida; então um corte para a previsão do tempo. No começo houvera o indispensável “problema”, a suspensão de um professor de 22 anos que, por acaso, também era ministro da Educação do Partido dos Panteras Negras, mas esse problema, como a maioria, logo havia deixado de ser o objetivo até mesmo na mente dos participantes mais idiotas. A desordem era o objetivo.

Eu nunca antes tinha estado em um campus nessa situação, perdera até mesmo Berkeley e Columbia, e suponho que fui à Estadual de São Francisco esperando encontrar algo diferente do que encontrei. Em certo sentido, nada trivial, o cenário estava errado. A própria arquitetura das faculdades estaduais da Califórnia tende a negar ideias radicais. Em vez disso, reflete uma visão burocrata de bem-estar progressista, modesta e esperançosa. Enquanto eu andava de um lado para outro do campus naquele dia e nos dias seguintes, todo o dilema da Estadual de São Francisco — a politização gradual, os “problemas” aqui e ali, as “quinze demandas” obrigatórias, a agitação contínua da polícia e dos cidadãos indignados — parecia cada vez mais fora do tom, um caso de *enfants terribles* e conselho administrativo colaborando inconscientemente em uma fantasia ilusória (Revolução do Campus) e a levando a cabo a tempo do noticiário das seis horas. “Reunião do comitê de *propaganda* no Redwood Room”, lia-se em uma anotação rabiscada na porta do refeitório certa manhã; apenas alguém muito desesperado responderia com tanta força um bando de guerrilheiros que não só anunciavam a própria reunião no quadro de avisos do inimigo como pareciam alheios à ortografia, e também ao significado, das palavras que usavam. “Hayakawa Hitler” era como alguns docentes começaram a chamar S.I. Hayakawa, o semanticista que se tornara o terceiro reitor da faculdade em um ano e tinha se exposto a um descontentamento considerável ao tentar manter o

campus aberto.

“*Eichmann*”, Kay Boyle gritara para ele em uma manifestação. Com esses poucos e amplos traços estava sendo pintado o outono de 1968 no campus de tons pastel da Estadual de São Francisco.

O lugar simplesmente nunca parecia sério. As manchetes eram sombrias naquele primeiro dia, a faculdade fora fechada “por tempo indeterminado”, tanto Ronald Reagan quanto Jesse Unruh ameaçavam represálias. Ainda assim, a atmosfera dentro do prédio da administração era a de uma comédia musical sobre a vida universitária.

“De jeito *nenhum* a gente vai abrir amanhã”, informavam secretárias àqueles que telefonavam. “Vá esquiar, divirta-se.”

Militantes negros em greve apareciam para conversar com os reitores; radicais brancos em greve fofocavam nos corredores.

“Sem entrevistas, sem imprensa”, anunciou um estudante líder da greve ao entrar no escritório do reitor, onde eu estava. No momento seguinte, ele ficou irritado porque ninguém tinha lhe dito que uma equipe de filmagem do Huntley-Brinkley estava no campus.

“A gente ainda pode entrar nessa”, disse o reitor com calma.

Todo mundo parecia unido em uma camaradagem um tanto festiva, em um jargão em comum, em um senso compartilhado de momento: o futuro não era mais árduo e indefinido, era imediato e programático, radiante com a perspectiva dos problemas a serem “endereçoados”, dos planos a serem “implementados”. Era um consenso que os confrontos podiam representar “uma evolução muito saudável”, que talvez uma paralisação fosse necessária para “algo ser feito”. O clima, como a arquitetura, era o funcional de 1948, um modelo de otimismo pragmático.

Talvez Evelyn Waugh pudesse ter descrito isso do jeito certo: Waugh era bom com cenas de autoilusão elaborada, cenas de pessoas absorvidas por jogos estranhos. Aqui, na Estadual de São Francisco, só os militantes negros podiam ser levados a sério. Para todos os efeitos, eles estavam escolhendo as partidas, ditando as regras e extraindo o que podiam daquilo que, para todos os outros, parecia apenas uma agradável fuga da rotina, da ansiedade institucional, do tédio do calendário acadêmico. Enquanto isso, os administradores podiam falar dos cursos. Enquanto isso, os radicais brancos, que não tinham nada a perder, podiam se ver como guerrilheiros urbanos. Esse jogo na Estadual de São Francisco era bom para todo mundo, e as virtudes peculiares dele nunca ficaram tão claras para mim quanto na tarde em que participei de uma reunião de cinquenta ou sessenta membros da Students for a Democratic Society. Eles tinham convocado uma coletiva de imprensa para mais tarde naquele dia, e agora discutiam “exatamente qual deveria ser o formato da coletiva de imprensa”.

“Tem que ser nos nossos termos”, advertiu alguém. “Porque eles vão fazer perguntas bem capciosas, vão fazer *perguntas*.”

“Mande submeterem todas as perguntas por escrito”, sugeriu outra pessoa. “A União dos Estudantes Negros faz isso e é muito bem-sucedida. Eles simplesmente não respondem nada que não queiram responder.”

“Boa. Não caiam na armadilha.”

“Algo que a gente devia enfatizar nessa coletiva de imprensa é *quem controla a mídia*.”

“Você não acha que é de conhecimento geral que os jornais representam interesses corporativos?”, interrompeu uma pessoa com bom senso entre eles, em dúvida.

“Não acho que isso seja *compreendido*...”

Duas horas e dezenas de votações depois, o grupo havia selecionado quatro membros para dizer à imprensa quem controlava a mídia, tinha decidido comparecer *en masse* a uma coletiva de imprensa e debatido várias palavras de ordem para a manifestação do dia seguinte.

“Vamos ver, primeiro nós temos ‘William Randolph Hearst só conta o que quer’, aí ‘Chega de distorção da imprensa’ — essa é aquela que deu alguma controvérsia política...”

Antes de se dispersarem, eles ouviram um estudante que tinha vindo da Faculdade de San Mateo, uma instituição localizada descendo a península a partir de São Francisco.

“Vim aqui hoje com alguns estudantes do Terceiro Mundo para dizer que estamos com vocês, e esperamos que estejam *do nosso lado* quando a gente tentar fazer uma greve na semana que vem, porque a gente está nessa de verdade, a gente carrega nossos capacetes o tempo todo, não consegue pensar, não consegue ir para aula.”

Ele fez uma pausa. Era um rapaz bonito, entusiasmado pela incumbência dele. Pensei na suave melancolia da vida em San Mateo, que é um dos condados com maior riqueza *per capita* dos Estados Unidos, e pensei se Wichita Lineman e as pétalas em um galho preto e molhado representavam ou não a falta de propósito da burguesia. Pensei na ilusão de um objetivo a ser alcançado com uma coletiva de imprensa, sendo o único problema das coletivas de imprensa o fato de que a imprensa fazia perguntas.

“Vim aqui para dizer que, na Faculdade de San Mateo, estamos vivendo como *revolucionários*”, falou o garoto então.

## 10.

Colocamos “Lay Lady Lay” e “Suzanne” na vitrola. Descemos a Melrose Avenue para ver os Flying Burritos. Havia um pé de jasmim crescendo ao longo da varanda do casarão da Franklin Avenue, e, à noite, o cheiro de jasmim entrava por todas as portas e janelas abertas. Preparei *bouillabaisse* para pessoas que não comiam carne. Imaginei que minha vida era simples e doce. De vez em quando era, mas havia coisas estranhas acontecendo pela cidade. Boatos e histórias. Tudo era inenarrável, mas nada era inimaginável. Esse flerte místico com a ideia de “pecado” — essa sensação de que era possível ir “longe demais”, e de que muita gente estava fazendo isso — nos acompanhava bem de perto em Los Angeles em 1968 e 1969. Uma tensão demente e sedutora se erguia em um vórtice na comunidade. O nervosismo se instalava. Lembro-me de uma época em que os cachorros latiam toda noite e a lua estava sempre cheia. Em 9 de agosto de 1969, eu estava sentada na parte rasa da piscina da minha cunhada em Beverly Hills quando ela recebeu uma ligação de um amigo que tinha acabado de ouvir falar dos assassinatos na casa de Sharon Tate Polanski, em Cielo Drive. O telefone tocou várias vezes na hora seguinte. Essas primeiras descrições eram confusas e contraditórias. Uma pessoa ligava e dizia capuzes, a próxima dizia correntes. Havia vinte mortos, não, doze, dez, dezoito. Rituais satânicos eram inventadas, e *bad trips* eram apontadas como a causa de tudo. Lembro-me de toda a desinformação do dia com muita nitidez. Também me lembro de algo que não queria lembrar: *ninguém estava surpreso*.

## 11.

Quando conheci Linda Kasabian no verão de 1970, ela estava com o cabelo cuidadosamente dividido ao meio, sem maquiagem, com o perfume Blue Grass de Elizabeth Arden e o uniforme azul amarrotado concedido às detentas na penitenciária de Sybil Brand, em Los Angeles.

Ela estava na Sybil Brand em prisão preventiva, esperando para testemunhar a respeito dos assassinatos de Sharon Tate Polanski, Abigail Folger, Jay Sebring, Voytek Frykowski, Steven Parent e Rosemary e Leno LaBianca. Passei alguns finais de tarde falando com ela e com seu advogado, Gary Fleischman. Desses finais de tarde, lembro-me do meu medo de entrar no presídio, de deixar por uma hora as possibilidades infinitas que de repente percebia no crepúsculo de verão. Lembro-me de seguir pela autoestrada de Hollywood até o centro da cidade no Cadillac conversível de Gary Fleischman com a capota abaixada. Lembro-me de observar um coelho comendo a grama perto do portão enquanto Gary Fleischman assinava o registro do presídio. Cada uma da meia dúzia de portas que se fechava atrás de nós enquanto entrávamos na Sybil Brand me matava um pouco. Depois da entrevista, eu emergia como Perséfone do submundo, eufórica, exultante. Em casa, preparava dois drinques e um hambúrguer para mim.

“Cave”, Gary Fleischman estava sempre dizendo. Certa noite, quando estávamos dirigindo de volta para Hollywood no Cadillac conversível com a capota abaixada, ele exigiu que eu lhe dissesse a população da Índia. Respondi que não sabia.

“Dê um palpite”, incitou. Dei um palpite, absurdamente baixo, e ele ficou ultrajado. Fleischman tinha feito a mesma pergunta para a sobrinha (“no ensino superior”), para Linda e agora para mim, e nenhuma de nós sabia. Isso parecia confirmar uma ideia que ele tinha das mulheres, a impermeabilidade essencial ao conhecimento, a semelhança profunda delas. Gary Fleischman era uma pessoa de um tipo que raramente conheci, um homem realista e cômico de chapéu *pork pie*, um viajante a negócios nas fronteiras mais distantes do período, alguém que sabia como se movimentar nos tribunais e na Sybil Brand e continuava animado, até alegre, diante do mistério incrível e impenetrável no centro do que chamava de “o caso”. De fato, nunca falávamos “do caso”, e nos referíamos aos acontecimentos centrais apenas como “Cielo Drive” e “LaBianca”. Em vez disso, falávamos das brincadeiras e decepções da



infância de Linda, dos namoros juvenis dela e da preocupação com os filhos. Essa justaposição específica do dito e do indizível era lúgubre e perturbadora, e tornava meu bloco de notas uma ladainha de pequenas ironias tão óbvias a ponto de só interessarem a absurdistas dedicados. Um exemplo: Linda sonhava em abrir um estabelecimento que juntava restaurante-boutique e pet shop.

## 12.

Certos distúrbios orgânicos do sistema nervoso central são caracterizados por remissões periódicas, pela aparente recuperação completa dos nervos afetados. Parece que é isso que acontece: à medida que a camada que reveste um nervo inflama e endurece como tecido cicatrizado, bloqueando a passagem dos impulsos neurais, o sistema nervoso muda aos poucos o circuito dele e busca outros nervos não afetados para carregar a mesma mensagem. Durante os anos em que achei necessário revisar meu circuito mental, descobri que não estava mais interessada em saber se a mulher no beiral da janela do décimo sexto andar pulou ou não pulou, nem em saber por quê. Só estava interessada na imagem dela na mente: o cabelo incandescente sob os holofotes, os dedos curvados na pedra do beiral.

Sob essa luz, toda narrativa era sentimental. Sob essa luz, todas as conexões eram tão significativas quanto sem sentido. Veja só: na manhã da morte de John Kennedy, em 1963, eu estava na Ransohoff's comprando um vestido de seda curto para me casar. Alguns anos depois, esse vestido foi arruinado quando, em um jantar em Bel-Air, Roman Polanski derramou uma taça de vinho tinto nele por acidente. Sharon Tate também era uma convidada do jantar, embora Polanski e ela ainda não tivessem se casado. Em 27 julho de 1970, fui à Magnin-Hi Shop no terceiro andar da I. Magnin, em Beverly Hills, e escolhi, a pedido de

Linda Kasabian, o vestido com o qual ela deu início ao testemunho sobre os assassinatos na casa de Sharon Tate Polanski em Cielo Drive.

“Tamanho 40 pequeno”, foi o que ela pediu. “Curto, mas não curto demais. Se possível, de veludo. Verde-esmeralda ou dourado. Ou um vestido estilo camponesa mexicana, franzido ou bordado.” Ela precisava de um vestido naquela manhã porque Vincent Bugliosi, o promotor público, manifestara dúvidas em relação ao vestido que ela planejava usar, um tubinho longo e branco simples.

“Longo é para a noite”, ele aconselhara Linda. Longo era para a noite e branco para as noivas. No próprio casamento, em 1965, Linda Kasabian usara um traje de brocado branco. Os tempos passaram, os tempos mudaram. Tudo nos ensinava alguma coisa. Às 11h20 daquela manhã de julho de 1970, entreguei o vestido no qual ela ia testemunhar para Gary Fleischman, que estava esperando na frente do escritório dele em Rodeo Drive em Beverly Hills. Ele usava o chapéu *pork pie* e estava parado ao lado do segundo marido de Linda, Bob Kasabian, e do amigo deles, Charlie Melton, ambos usando túnicas brancas longas. Longo era para Bob e Charlie, o vestido na caixa da I. Magnin era para Linda. Os três pegaram a caixa da I. Magnin e entraram no Cadillac conversível com a capota abaixada de Gary Fleischman. Partiram em direção à autoestrada no centro da cidade, acenando para mim. Acredito que essa seja uma autêntica cadeia de correspondências sem sentido, mas na manhã tilintante daquele verão, aquilo fez tanto sentido quanto qualquer outra coisa.

## 13.

Lembro-me de uma conversa em 1970 com o gerente do hotel em que eu me hospedava, perto de Pendleton, no Oregon. Tinha estado às voltas

com um artigo para a *Life* a respeito do armazenamento dos agentes nervosos VX e GB no arsenal do Exército no condado de Umatilla. Após terminar de escrever, tentei fazer o check-out no hotel. Durante o procedimento, ouvi essa pergunta do gerente, que era mórmon: “Se você não acredita que vai para o céu no próprio corpo, e mantendo laços próximos com todos os membros da família, então qual é o sentido de morrer?” Àquela altura, eu acreditava que meus controles afetivos básicos já não estavam intactos, mas agora apresento isso como uma questão mais forte do que pode parecer à primeira vista, uma espécie de *koan* da época.

## 14.

Certa vez quebrei a costela e, por meses, sentia dor ao me virar na cama ou ficar na piscina. Pela primeira vez tive a percepção aguda do que era ser velha. Depois esqueci. A certa altura, durante os anos sobre os quais estou falando aqui, após uma sucessão de perturbações visuais periódicas, três eletroencefalogramas, duas séries completas de radiografias de crânio e pescoço, um teste de tolerância à glicose de cinco horas, duas eletromiografias, uma bateria de análises químicas e consultas com dois oftalmologistas, um clínico geral e três neurologistas, fui informada de que a doença não era de fato nos meus olhos, mas no sistema nervoso central. Posso ou não sofrer com sintomas de dano neurológico por toda a vida. Esses sintomas, que podem ou não aparecer, podem ou não envolver meus olhos. Podem ou não envolver meus braços ou minhas pernas, podem ou não ser incapacitantes. Os efeitos podem ou não ser atenuados por injeções de cortisona. Era impossível prever. A condição tinha um nome, o tipo de nome em geral associado ao Teleton, mas o nome não significava nada e o neurologista não gostava de usá-lo. O nome era esclerose múltipla, mas não tinha significado. Era, de acordo com o neurologista, um diagnóstico excludente, e não significava nada.

A essa altura, a sensação que eu tinha não era de ser velha, mas de ter aberto a porta para um estranho e descobrir que esse estranho segurava uma faca. Em um diálogo de poucas frases no consultório de um neurologista em Beverly Hills, o improvável havia se tornado provável, a norma: coisas que só aconteciam com outras pessoas podiam de fato acontecer comigo. Eu podia ser atingida por um raio, arriscar comer um pêssego e ser envenenada pelo cianeto no caroço. O fato surpreendente era o seguinte: meu corpo estava oferecendo um equivalente psicológico do que vinha se passando na minha mente. “Leve uma vida simples”, aconselhou o neurologista. “Não que isso faça diferença.” Em outras palavras, era mais uma história sem narrativa.

## 15.

Muita gente de Los Angeles acredita que os anos 1960 acabaram de forma abrupta em 9 de agosto de 1969, no exato instante em que a notícia dos assassinatos em Cielo Drive percorreu a comunidade de uma ponta à outra como um incêndio florestal, e, em certo sentido, isso é verdade. A tensão se rompeu naquele dia. A paranoia estava cumprida. Em outro sentido, os anos 1960 não acabaram para mim até janeiro de 1971, quando deixei a casa na Franklin Avenue e me mudei para uma perto do mar. Essa casa perto do mar fora parte importante dos anos 1960, e por alguns meses depois de nos instalarmos eu ia me deparar com presentinhos daquele período da história dela — um fragmento da literatura da cientologia debaixo do forro de uma gaveta, um exemplar de *Um estranho numa terra estranha* enfiado no fundo de uma prateleira no armário —, mas depois de um tempo fizemos algumas obras e, entre as serras elétricas e o vento do mar, o lugar foi exorcizado.

Desde então, vi poucas pessoas agindo da maneira emblemática daqueles anos. Sei, claro, que Eldridge Cleaver foi para a Argélia e voltou

para casa como um empreendedor. Sei que Jim Morrison morreu em Paris. Sei que Linda Kasabian fugiu para New Hampshire à procura do pastoral, onde a visitei uma vez; ela também me visitou em Nova York, e levamos nossos filhos na balsa de Staten Island para ver a Estátua da Liberdade. Também sei que em 1975, enquanto cumpria a sentença de prisão perpétua pelo assassinato de Ramon Novarro, Paul Ferguson obteve o primeiro lugar em um concurso de ficção da PEN e anunciou os planos de “continuar a escrever”. Escrever o tinha ajudado a “pensar na experiência e ver o que ela significava”. Penso com muita frequência no casarão de Hollywood, em “Midnight Confessions” e no fato de Roman Polanski e eu sermos padrinhos das mesmas crianças, mas escrever ainda não me ajudou a ver o que isso significa.

*1968-1978*